

ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.



ASSIGNATURAS: CURTE.

AN. NO
SEMESTRE
TRIMESTRE

85000
46000
28500

PROPRIETARIOS

ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO
ANTONIO JOSE CARNEIRO GUIMARAES

ASSIGNATURAS: PROVINCIAS.

ANNO 95000
SEMESTRE 55000
TRIMESTRE 35000

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nesta typographia — Rua nos Latoeiros N. 34 — e no escriptorio da Redacção, rua da Lampalisa n. 52. Recebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez aprovado pela redacção.

ARCHIVO LITTERARIO.

no 20 de SETEMBRO DE 1863.

Conforme a nossa promessa principiamos a dar aos nossos assignantes a biographia dos homens mais celebres e illustres nas armas, letras, artes ou industria; sem distinção de nacionalidade, abrangendo todo o globo, quer na historia antiga, quer na moderna.

Reconhecemos a insuficiencia que possuimos para encetar este trabalho: por isso reunimos a perseverança ao estudo, e junto a este a urbanidade de nossos assignantes; esperamos se não dignos de honrar ao menos sahir bem desta empreza, tornando-nos dignos da comiseracao dos nossos amaviss leitores.

D. Nuno Alvaras Pereira nasceu no

meio de Junho do anno de 1360, num lugar denominado Bom-Jardim: era filho de D. Álvaro, Prior do Crato, e neto do arcebispo D. Gonçalo; sua mãe que tambem pertencia à primeira nobreza do Reino, chama-se D. Inês Gonçalves de Carvalhal, e era filha do Sr. de Evora-Monte, ou alcaide-mor d'Almada. O paiz de D. Nuno Alvaras Pereira que ella havia cegamente amado; estava ligado pelos votos: ella soube compensar por espaço de quarenta annos em continuas penitencias os erros desse delirante amor, e paixão criminosa, para obter o perdão de Deus, da mesma maneira que já havia inspirado compaixão aos homens. No seu antigo tumulo ainda se acha gravado em vivos caracteres o epitaphio que por suas nobres acções e virtudes lhe foi compensado.

D. Inês soou inspirara seu filho, parte dessas virtudes, fazendo desenvolver nelle

um espírito guerreiro e uma atração prodigiosa para a rudeza das armas.

Na curta e tenra idade de treze annos, foi armado cavalleiro pela Rainha D. Leonor Telles, singrindo a armadura do Mestre d'Aviz para essa cerimonia, por não haver outra que servisse no corpo do joven cavalleiro, que então contava a idade do Mestre d'Aviz. Foi este um presagio santo, que desde logo vagon na mente de todos como um futuro de prosperidade para Portugal: esses dois jovens guerreiros medindo pelo mesmo suas idades, vestindo a mesma armadura, dotados do mesmo valor, e unidos pelos laços de uma amiga fraternidade, a qual o condestável provou como se vio durante o longo espaço de sua vida.

O joven cavalleiro casou com 17 annos de idade, tomado por esposa a illustre dama D. Leonor d'Aviz, que era sua pa-

triz. Faleceu em 1461, aos 21 annos, chocadas, as pernas quebradas... Poderia dizer que sou um homem?... não, não posso mais afirmar tal cosa. E verdade fui um homem... e em vinte e quatro horas meu corpo se tornou desfigurado e repousará em um esqueleto... Ah! pelo menos que sobre meu tumulo se grava por epitaphio...

— Quem fala em morrer, em tumulo e em epitaphio, murmurou uma voz... mas tão branda, tão carinhosa, que não podia ser senão a da Sra. Caminche.

— Por minha vida! Semba, não vedes o miseravel estado a que me acho reduzido... ai!... ai!... as costelas, os rins, os... ai eu desmaio, eu morro, morri... ai!

III.

Quando tormei a mim, achar-me deitado num ralo leito, o quarto era-ne totalmente desconhecido. Olhei com admiração em redor de mim, e de cor eu tinha feito inventario dos moveis... quando exclamei: Não será isto uma alucina-

FOLHETIM

A NOITE DÁ O CONSELHO.

Traduzido do francêz por A. J. F. da Fonseca.

PRIMEIRA PARTE.

MR. CLARINETTI.

I

Meio morto, senti-me arrastado através dos campos durante um quarto de hora.

Julguei que este suppicio não tinha fim... meu nariz ficou incólume, porém ai de mim! minhas attribuições não estavam mais que no principio.

Esta mão, sempre esta mão... ella me segura, o corpo me arrebata, e me faz percorrer o espaço...

Um sôfio terá escapado de meu peito e

vai acordar os ódios dos arredores. Depois torno a cair, dando graças ao destino de ter aliviado meus males em tão privado da vida.

Eu ainda não tinha percorrido metade do caminho que devia andar para chegar à terra, quando de improviso eu me senti remendar elevara por uma força incógnita, tendo desta vez um ponto de apoio, e tão sinto coragem.

Aplicou o ouvido. A rapuz com que sou levado me priva da respiração e produz em meus ouvidos um zunido insopportável. Olio... eu vejo uma cabeça de cavalo, um corpo que se prende a esta cabeça, um selim, finalmente todos os pertences de um animal cavallar.

Comprei que era o Pegaso...

Gratas á Providencia!

Qual a sorte que me destinari?

O Pegaso, meu salvador, abençoado seja pelo servico que... Oli! maldito animal... Pegaso de uma sacodidolla me deitou em terra.

Ai! sinto-me ferido nos rins, as costelas ma-

rente : sendo preciso a approvação ou dispensa do Papa Gregorio XI para esse projectado enlace.

D. Nuno Alvares Pereira foi o mais firme sustentaclo de Portugal : na famosa e memoravel batalha de Aljubarrota alcançada contra os Castelhanos, foi incansável; mostrou um valor e uma coragem digna de um inseparável companheiro de armas do Mestre d'Aviz ; no fim da qual foi o primeiro que ainda com a espada tinta em sangue e o campo juncado de mortos, à frente do aguerrido exercito portuguez, soltou o grito applaudido unanimemente por todos os valorosos companheiros da victoria aclamando e elegendo Rei o Mestre d'Aviz D. João I.

LITTERATURA

Gastão e Isabel.

Em 16... vivia na cidade de Saragoça, capital do Aragão, D. Gusmão de Herrera, homem duro, e de um caracter violento e arrebatado, porém respeitado por sua grande riqueza. Tinha enivuado havia dez annos, e uma filha de dezes annos devia ser a sua unica herdeira : D. Isabel, pois assim se chamava esta menina vivia ainda em maior solidão, que as outras jovens da sua idade, porque o jardin, onde só lhe era dado passear todos os

dias, estava cercado de altos muros : as janellas para a rua, além da sua grande altura, tinham grades de ferro por fóra, e zelosias por dentro ; e uma velha dona, e algumas criadas raparigas, educadas com ella, erão a sua unica companhia neste estreito circulo, cujos limites se lhe não permittia transpor. Com tudo, não era a sua aia que a opprimia, mas sim D. Gusmão, pai duro e imperioso, que não concedia entrada em sua casa senão a um unico homem, o mancebo D. Vicente Guilherme, seu sobrinho, que alli entrava a toda a hora, e era tido como o futuro esposo de D. Isabel. D. Vicente era mancebo, mas de uma figura desagradável ; era valente, mas de um caracter feroz e arrebatado como seu tio. Isabel não o amava ; era ainda muito jovem e sem experientia, e só via em D. Vicente um primo desagradável, e não um homem com quem devia passar toda a sua vida. Com tudo por este tempo soube D. Isabel, por uma das suas criadas, que uma companhia de comediantes tinha chegado a Saragoça, e que ia dar algumas representações.

— Ah ! disse ella ; que felicidade seria a minha, se eu podesse ir uma noite só ao theatro !

— Nada ha mais facil, lhe disse Lucinda, sua criada grave ; o Sr. D. Gusmão, seu pai, está encerrado com o seu confessor, e não sahirá de casa ; a velha

aia está doente, e por conseguinte nós podemos fazer o que quizermos. O que é preciso é disfarçar-se, para sahir pela porta, e não ser conhecida.

— Dirfarcar-me ! e como ?

— Basta que vista os meus factos. »

(Continua.)

VARIEDADE

Successos passados.

TOMADA DE CEUTA por D. João I.

Amanheceu o dia 21 de Agosto mais claro e formoso ao parecer de todos, e mais quieto do costumado. Metteu-se El-Rei em uma festa, vestido com uma cota d'armas ; rosto e cabeça descoberta. Dava sua boa sombra e alegria certos signaes de victoria ; correu à armada, deu suas ordens aos capitães, e advertio cada um do que havia de fazer com palavras que em todos infundião esforço e confiança. Foi o primeiro a saltar em terra e envestir nos mouros que a cobrião, o Infante D. Henrique, e junto com elle o principe D. Duarte seu irmão, que tanto que viu a El-Rei, seu pai, divertido no officio de general, determinou tomar elle o de soldado e para ser dos primeiros passou-se a seu irmão. Fazendo-se ambos companhia com até 450 soldados que pozerão em terra, fizerão tal impressão nos inimigos que

— Que? Não, isto não é SPLEEN ! — dormirei por ventura? O retracto, que eu vejo acolá... estara ou não. Como é possível tudo isto?... aquelle retracto é o meu... sim é o meu retracto... por ventura não o reconheço? !...

Aquella é a minha boca... meu nariz, meu nariz!... minhas idéas se confundem... minha vista está em grão exaltado... tenho deslumbramentos... enlouqueci, embecile. Aqui d'el-rei!... acudão-me!... acudão-me!...

Que tendes, senhor? diz a Sra. Caminiche em se precipitando na camara. Em nome de Deus! que tendes? que vos aconteceu?... vós me atterraes...

— Perguntais o que me aconteceu, senhora? Senhora, tomai uma cadeira, sentai-vos acolá,... mas perto de mim. Ainda me perguntais o que me aconteceu?... Escutai,... mas não, não escuteis... olhai para mim... e não ser-me-ha preciso fazer-vos mais explicações...

— Muito bem! estou-vos olhando. Que é pois:

— Que vedes?

— A vós.

— De certo. Mas reconheceis-me?

— Sim.

— Não; vós não me conheceis, de veras, que não podereis reconhecer-me...

— Porque razão?

— Porque razão? olhæ bem para o pequeno espaço que mede entre os meus olhos.

— Estou-vos olhando.

— Que vedes?

— O mesmo que via dantes...

— A mim... a mim... mas entre os meus dous olhos por cima da boca, abajo da minha fronte, no meio do rosto, que notaes?

— Vosso nariz.

— Meu nariz! muito bem, sim meu nariz... não apresenta elle alguma cousa de extraordinario. dizei?

— Não.

— Não. Sois vós quem m'o dizeis; vós que es-

taes mentindo desaforadamente, aquella com quem meu irmão quer quo eu me case...

— Quem? eu mentir-vos? Enlouquecesteis?

Não, senhora, não. Estou de posse de todas as minhas facultades intellectuaes... Digo-vos, senhora, que não se me mente assim a carga cerrada, e que eu sei positivamente Sra. Caminiche, que o meu nariz apresenta um não sei que de ridiculo.

— Não. Estaes enganado, senhor.

— Não... respondei francamente, senhora, vós sois viuva, rica, linda, joven, e que vos achaeis collocada n'uma brillante posição na sociedade... Em quanto a mim, sou moço, rico tambem é verdade, em paralelo comvosco. Mas... com o nariz que ora apresento, consentireis... (tomaes sentido e eu aguardo uma resposta directa e franca) consentireis estando eu com o nariz no estado em que está aceitar-me por vosso esposo?

(Continua.)

abrirão longa carreira para os que se
gnião.

Foi grande o pezo que sustentarião com
os melhores da cidade, mas maior foi o
estrago : gente desarmada e atrevida, cor-
tava o ferro por elles de sorte que quasi
não havia golpe daquelles braços vigo-
rosos dos infantes e dos que os accompa-
nhavão, tudo gente escolhida, que dei-
xasse corpo com vida.

Entre tanto foi-se enchendo a praia da
nossa soldadesca, e havia já nella tre-
zentos homens dos melhores; e os barbaros
escarmentados de tão duro acontecimento
ião largando o campo, e recolhendo-separa
a porta da cidade. Reconhecerão os im-
fantes a desconfiança nos mouros ; e fa-
zendo conta que se succedia fazerem-se
senhores da porta, ou entrarem de mis-
tura com os que se retiravão, podião n'a-
quelle dia dar fim a empreza, lançarão mão
da occasião que o caso offerecia, apertão
as espadas, e appellidando São Georges e
Victoria, dão de novo rijamente sobre elles,
e fazem-nos apinhar todos sobre as portas.
Aqui houve muitos mortos, resistindo al-
guns mouros com grande valor, e procura-
ndo outros serem primeiros a entrar, e
salvar-se na cidade, foi grande o aperto,
grande a grita, e tal a matança, que era
tudo cheio de corpos espedaçados e cor-
rião rios de sangue ; e por muito que os
defensores trabalhavão, nem poderião
cerrar as portas, nem tolher entrarem os
nossos de volta com elles.

Neste tempo *Salabemsala*, arrependido
tarde de ter despedido os que vinham soc-
correr, e desesperado com a primeira nova
das portas ganhadas de poder sustentar a
cidade contra tamanho poder, tratou de
se pôr em salvo com seu thesouro e mu-
lheres ; e sem tentar outro genero de re-
sistência ou defensão, montou a cavallo
e desamparou a terra. Não o fazião assim
muitos dos moradores antigos, que sem
embargo de se verem entrados, anima-
vão-se uns aos outros a morrer pelas casas
em que forão nascidos e criados, e toman-
do forças da desesperação pelejavão como
leões. Mas os infantes, vendo-se senhores
da porta, e tendo já consigo um corpo
de quinhentos homens, e deixado nella
bastante guarnição, quizerão proceder
com prudencia na entrada da cidade : to-

mármão um teso, que acharão entrando,
e feitos fortes nelle forão dando lugar a
que accidissem mais companheiros ; era
já com elle o conde de Barcellos, seu irmão
e cresceria por momentos a soldadesca.
Dividirão-se então e o Principe foi subindo
aos lugares mais altos e fazendo-se senhor
de todos até chegar ao mais eminente da
cidade que chamavão o *Cesto* : o que não
foi sem grande trabalho e muito sangue ;
porque achavão tudo cheio de inimigos, e
sobre afadigar de pelejar, ferir, matar, era
insuportavel a força do sol e da sede, que
uma e outra cousa abrasava os membros
abafados com o peso das armas.

LUIS DE SOUSA.

POESIAS

Portugal

Continuação do numero 2.

Mentir ! esse vate soldado e poeta,
Que Deus do teu nome fizera propheta,
Cantando o destino, de Alcacerquebir :
Recorda teus feitos ! não seja acusado !..
Que o peito valente do nobre soldado
A queda da patria deixou d'existir.

Os feitos briosos, as glórias passadas,
Dos bravos guerreiros, proezas ouzadas,
No mar a esquadra sulcando veloz ;
Quem ha não o tenha já lido na historiia
E não sinto pulsar-lhe sangue, à memoria
Dos feitos valentes de nossos avôs.

Guerreiro ! nas veias o teu está gelado,
Não sentes das armas o aço pezado,
Os passos gigantes das outras nações ?
Q'outr'ora depunhão-te sceptros aos pés,
De ti escarnecem agora não vez,
Cuspindo nas quinas dos nossos pendões ?

Levanta guerreiro ! gigante de vulto,
Sacode esse pó, repelle o insulto,
Retoma teu nome d'outr'ora temido :
Que à patria de novo resurja uma luz,
E santas palavras, escriptas na cruz,
Por Deus : — *renedor e nunca vencido*.

Revive soldado nobre,
Ergue bem alto a cerviz :
Sacode o pó que te cobre,
Torna esse sollo feliz,
Tens filhos patria querida,
Que por ti darão a vida.

Só por te vêr reviver.
Não temem o obstaculo
Seus peitos em sustentaculo
Só por ti querem morrer.
Em cada mente abrasada,
Ha um nome é—portuguez—
Em cada braço uma espada,
Em cada peito um arnez.
Do passado a lembrança
Lhe fará brandir a lança
Com bravôr, sempre e firmeza,
Que cheguem ! Venham batalhas
Que elles querem nas muralhas
Por ti morrer—*em defesa*.—
Crentes na fé, no valór,
O teu nome hão de elevar ;
Do combate o forte ardor,
Não os fará recuar...
Levanta velho guerreiro
E diz ao mundo inteiro.
—Meu nome não tem rival —
Que teus filhos bradarão
Com a espada na mão
—Rei, Jesus e Portugal—

ARNALDO MOLARINHO.

O passado e o presente.

Como estaeas pallida e triste !
Bem cruel é tua sorte !
Em teu rosto só existe
Essa pallidez de morte !
Tu que eras tâa gentil,
Singella flór da Brasil,
Filha dos sertões do Norte !

Tu éras candida e pura,
Qual uma innocent flór !
Eis perdida a formosura...
Desbotada eis tua cor !
Hoje só te resta o pranto,
Que te roubou o encanto
Entre suspiros e dôr !

Pasciencia... Eu tambem sou,
Como tu, desventurada !
Tambem o tempo mudou
A minha infancia adorada !
Eu tambem sonhei venturas !
Sonhei amores e ternuras...
E hoje vivo amargurada !

Quando pensaste no mundo,
Neste viver tão cruel ?...
Neste abyssmo tão profundo,
Onde encontraste o fel ?!
Tu qu'outr'ora deliravas,
Quando meiga doudejavas
Entre as flôres de um vergel ?

Infeliz ! este perdida
Sem uma esperança só !
Sem que mão compadecida
Te possa erguer do pó !

Tu não sentes a saudade
Esmagar-te o coração ?...
Não sentes a orphandade
De pai, mãe e irmão ? !

Oh ! eu tambem em segredo
Choro o tempo de criança ! !
Lamento, neste degredo,
Minha estrela de esperança !

Qual folha secca e perdida,
Da terra em que fui nascida,
Cruel sorte me arrancou !
Sou qual as aguas do rio
Neste louco desvario
Em que a sorte me lançou !!

As turbas passão fugindo.
Os dias passão sorrindo...
E eu sómente a soffrer !
O sol nasce radiante !
Eu o contemplo brilhante
Sem me poder aquecer !!

Pobre mulher esquecida,
Deste mundo aborrecida,
Sem ter amparo d'algum !!
Só na campa descansada
Poderei, triste coitada
Da morte gozar o bem !...

JOSÉPHINA R. Q. P.

PALESTRA

Sentemo-nos um pouco, que por demais
já temos andado sem descansar, Alfredo.

Sou do mesmo pensar, disse Jorge sentando-se.

Aqui tens uma cadeira que te dará entrada na Sociedade Trinta e um de Outubro.

Já vejo que nunca te esqueces do teu amigo. Quando levão a recita ?

Dizem que no dia 26 do corrente.

E, que drama levão em scena ? O. D. Iria ?

Julgo que foi o que levou a Lusitania, e sinto não ter assistido a essa recita, para a qual também me deste uma cadeira.

Eu lá fui, porém não te encontrei e isso me surprehendeu bastante.

E que tal andárao os rapazes ?

Soffrivelmente, ao menos na ligeireza nenhum mostrava soffrer dos callos.

Então andárao como na primeira recita em que levárao os *Dous Proscriptos*.

Sou franco, emittindo minha opinião

com imparcialidde, direi que a *Sociedade D. P. Luzitania* andou maravilhosamente. Os papeis forão dignamente distribuidos, e as partes bem desempenhadas. O papel de *Fernão* que segundo ouvi dizer foi feito por um moço que pela segunda vez pizou no palco, nada deixou a desejar.

O Conde *Men de Sousa*, Alvaro, e o mouro *Rax-mamude*, em quanto ao desempenho de seus papéis muito agradarão e se fizerão por mais de uma vez merecedores das ovacões com que forão acolhidos da platéa; uma parte deste triumpho tambem partilhou adama, que se tornou digna e merecedora dos aplausos que lhe tributaram. Não é atriz ! porém para uma particuar no terceiro acto quando está prestes a ser assassinada por *Men de Souza*, seu rosto exprimindo o sofrimento, a afflition e o horror ; foi uma scena que despertou sincera emoção nos espectadores, e que acabou com freneticos e sinceros aplausos.

Não conheço nenhum desses jovens estudiosos da arte dramatica, porém limitar-me-hei a dizer continue a Sociedade *Luzitana* como até hoje, e poderá dentre seu seio sahir um artista, que a ovacão e o prazer à arte dramatica, possa no fim de alguns annos colher d'entre abrolhos, vícosos louros, e possa dar à sociedade, um nome brilhante, e à historia uma dourada pagina.

Folgo de te ouvir assim fallar, porque é preciso confessar que devião andar soffrivelmente para fallares dessa maneira.

Sou imparcial áquelles forão dignos de elogio ; o mesmo porém não posso dizer da segunda dama que desempenhou o papel de *Theresa*, porque a sociedade não se lembrou de lhe perguntar em que collegio aprendeu aquelle *portuguez*. O *Seinhreira* não hei possível ; melhor a mandassem aprender a fallar n'um collegio de instrucção primaria, porque o do *Faial* para aqui não serve.

Olha Jorge conheces aquelle sujeito que vai passando acolá com um negro carregado de cigarros ?

Conheço é um cigano um *troca-tintas* chamado *Antonio Maria* do lugar da *Silveira*, esse *tranca* anda apaixonado por uma *Julia* mas não é alema, o outro que

tu conheces está sem o corte de vestido, a calça, a corrente de... e as botinas se as quiz mandou-as buscar no sapateiro e pagar o trabalho de as largar como estava, encommendado para o pé della. Salta *criança* ! que trate de outro ofício que venda mais que os cigarros.

Não sei se já sabes que o *Gusmão* anda dizendo que caio o jornal *Archieo Literario*, porque elle deixou de escrever para elle.

Oh ! pois não !... o Sr. *Gusmão* tem uma alta intelligencia ! uma materia delle para essa folha dá-lhe muita importancia ! o *innocente* é um *padrão de gloria*, mas afianço-te que taes materias não precisa a redacção, e demais te digo, que quando os assignantes do *Archieo* tiverem pretenção de adormecer, não precisarão de um escripto do Sr. *Gusmão* para lhe servir de anarctico.

Poetas vejo ás duzias
Que só corridos a *bolos*
Que import'as barbas buzias
Se mostrão estro de tolos
Há pouco disse Novaez :

— *A Raça que abunda mais*
São portas e escriptores. —

Com isto teve razão
Pois vejo cá no Brasil,
Poetas *trancas* aos mil,
Só faltos d'inspiração.

Mudemos de conversa, disse Alfredo, sabes que estou com desejos de ir dar um passeio a cavalo atá Botafogo.

E eu que te acompanho, pagando tu, já te vou dizendo.

Aonde haverá aqui uma cocheira perto ? Do lugar em que estamos, só na rua da Lapa pegado a uma padaria.

Não me recordo de ter visto ahí cocheira alguma.

Cocheira ou não : tem lá cavallos, mulas, orcas, coches, berlindas etc., etc.

Porém toma cautela, ha lá alguns que são bravios, n'outro dia um deu comigo de costas que ainda sinto as dores occasionadas pela queda.

Não importa eu sei domar esses *bichinhos* deixa elles comigo...

Rio de Janeiro.

Typ. Económica, rua dos Luteiros n.º 31.